
Do Kháos e do Kósmos: Heráclito e a harmonia na oposição dos contrários *

Ricardo Gonçalves **

Para o querido amigo
Fernando Ferrari Duch.

Há muito tempo o homem tenta encontrar a ordem no mundo, quando se supõe que nele ela exista e esteja oculta. Quando, porém, se suspeita de que o mundo seja completamente ilusório, procura-se a ordem fora dele. Quando pensamos em ordem, somos também levados a considerar sua oposição. Desordem e Ordem, Kháos e Kósmos, Não-Ser e Ser: estas são as velhas dicotomias que vêm ocupando o pensamento desde antes do surgimento da filosofia ocidental.

Se, por um lado, o mundo nos parece imbuído de certa ordem, por outro, ao ser compreendido de múltiplas maneiras, ao ser considerado polissemicamente, ele é percebido, muitas vezes, como um reino de confusão, na verdade, uma dissimulação da realidade. Isto gera uma inevitável ansiedade intelectual e um desconforto no que diz respeito às expectativas do homem diante da vida. Na tentativa de rompermos esse quadro caótico de insegurança quanto à vida e às próprias verdades do intelecto, perseguindo nosso ideal de atingir esteios confiáveis em que possamos apoiar-nos, corajosamente, lançamo-nos em busca daquilo a que chamamos "**realidade**". Às vezes, imaginamos importante, a todo custo, impedir a escravidão a que somos submetidos pela sedução da aparência. Sentimos que é absolutamente necessário ver o mundo como quem, tendo feito cair a venda dos olhos e tendo contemplado a verdade, se esforça para trazer a luz para os que ainda não a viram. Em outras palavras, acabamos por não tolerar mais que o erro prevaleça, em detrimento da verdade única e pura.

Contudo, supondo-se que haja uma tal verdade, cabe-nos perguntar: esta verdade estará no mundo? Ou será ela o próprio mundo? São perguntas freqüentemente apresentadas, mas que não têm sentido, simplesmente porque o mundo não é verdadeiro e nem falso: ele apenas é o que é. Se considerarmos a verdade, unicamente, como efeito da razão aplicada ao mundo, então, estaremos diante de uma nova perspectiva, pela qual a verdade se dá **no mundo humano**, que envolve pensamento e linguagem. A linguagem é expressão simbólica que carrega consigo um forte poder de persuasão. Persuadidos, os homens concordam entre si e, aí, temos a verdade, relativa, mas a verdade.

Não podemos esquecer-nos, contudo, de que os homens que concordam e que possuem sua verdade existem no mundo. Diz-se, até mesmo, que homem e

mundo compõem uma unidade, a qual se encontra, de certa maneira, ameaçada.

O homem contemporâneo, pretensamente superior a tudo o que não é humano, para que possa dominar o natural, dá à natureza o seu próprio aspecto, de modo a reconhecer-se nela e, assim, pode legitimar sua interferência nela. Desta maneira, tudo se justifica: o que eu, este sujeito que recriou a natureza, quiser, posso dela fazer e, enquanto assim proceder, estarei fazendo para ela o mesmo que gostaria de estar fazendo para mim mesmo. Em outros termos, chegamos ao não-limite, à incomensurável audácia de apropriar-nos e dispor de tudo em nome da superioridade da razão, de acordo, apenas, com nossas conveniências. Estão, por isso, justificados todos os abusos cometidos pela humanidade, tanto contra a natureza, quanto contra os próprios seres humanos. Não vemos mais unidade, e, se entendermos ordem como sinônima de unidade, também não vemos mais ordem.

Porém, no âmbito do pensamento e da linguagem, houve uma época em que os limites da razão coincidiam com os limites do universo, em que o pensamento não se distinguia do natural. Pelos testemunhos dos gregos antigos que nos chegaram, os filósofos pré-socráticos teriam considerado o homem com a mesma importância com que consideravam todos os demais seres existentes. Nesses tempos, não era possível explicar a superioridade do homem sobre a natureza, porque ela não existia. A única vantagem que o homem possuía em relação à natureza (se é que os gregos tinham consciência disto) era o pensamento, que, para eles, nada mais era do que um conveniente poder de reconhecer que o universo é uma indissolúvel unidade. Para os gregos, pensar era sinônimo de adequar-se conscientemente à matéria e à forma do mundo. Em outros termos, o pensar é o que aproxima o humano do divino, sem, no entanto, levá-lo para além do natural, já que tudo, deuses, homens e natureza são manifestações diversas do mesmo. Por isso é que, para eles, era fácil reconhecer que "tudo é um".

O que, para nós, é dissensão, desordem, sinal de decadência e, portanto, símbolo do mal, para os gregos era apenas *harmonia*. Aqui, entramos no contexto do pensamento de **Heráclito de Éfeso**. A palavra *harmonia* não significava, para eles, paz, como para nós. Derivada do verbo grego *αρρῖσκειν*, que significa **adaptar, encaixar, juntar**, harmonia quer dizer, segundo P. Chantraine, **cavilha, junta** (no madeiramento), **acordo, contrato**¹, em suma, **juntura**, ponto de união entre duas partes de um mesmo complexo. Como a entende Heráclito,

* Trabalho apresentado durante o **III Congresso Internacional Latino-Americano de Semiótica** e **IV Congresso Brasileiro de Semiótica**, realizado na PUC-SP, no período de 31/08 a 03/09/96.

** Mestre em Filosofia. Professor de História da Filosofia Antiga na Universidade São Judas Tadeu.

¹ CHANTRAINE, Pierre. **Dictionnaire Etymologique de la Langue Grecque**. Paris: Klincksieck, 1968, pp. 110-111.

harmonia é a *conexão necessária unicamente fundamental*² entre dois opostos indissociáveis. É por causa da harmonia que, segundo o efésio, o mundo se mantém emergente na existência. Nascer e perecer, subir e descer, acordar e dormir etc. são tudo o mesmo, em virtude da harmonia que conecta os diferentes. No fragmento 8 de Heráclito, da coleção de Diels-Kranz, lemos: "... o contrário é convergente e dos divergentes nasce a mais bela harmonia, e tudo segundo a discórdia." Ainda, no fragmento DK 10, ele nos diz: "Conjunções o todo e o não todo, o convergente e o divergente, o consoante e o dissoante, e de todas as coisas um e de um todas as coisas." Estes, para nós, estranhos dizeres, mantêm uma relação direta com a mais pura fonte do ocidente, na qual não há nem o maniqueísmo que separa o mundo em bem e mal, e nem, também, a cisão entre o material e o espiritual, entre o humano e o divino. Não existe, segundo Heráclito, o que denominamos bem e mal. O que há é apenas o existir do mundo em um perpétuo fluxo. Para ele, não há o nascer, ao qual associamos a alegria, ou o morrer, ao qual ligamos a tristeza. Há, tão-somente, o movimento de superação dos momentos do existir do mundo. Como é possível depreender-se a partir do fragmento DK 52,³ tudo isso é apenas um jogo que o universo joga consigo mesmo.

Na interpretação de Nietzsche, esse movimento do universo é comparável à brincadeira inocente de uma criança que, ao construir seu castelo de areia, logo se cansa desse afazer e destrói sua escultura. Volta-se para outro lado, brincando de outra coisa. Cansando-se desta nova diversão, abandona-a retomando a construção de seu castelo, e, assim, sucessivamente⁴. Como a criança não é mal intencionada, continua Nietzsche, como sua única finalidade é brincar, assim também o universo se compõe e se decompõe incessantemente. E o resultado desse entretenimento lúdico, as formas que vão aparecendo e desaparecendo nesse processo, são os símbolos da única realidade, que é o jogo inocente do fazer e desfazer.

Ouvimos Heráclito dizer que divergir é convergir. Nada pode soar-nos mais estranho do que isto. Mas ele exemplifica, e permito-me fazer, aqui, uma interpretação do fragmento DK 51:⁵ "olhem para um arco. Vejam como ele mantém consigo mesmo uma relação de forças completamente coesas, ainda que tão diferentes e opostas. A corda esticada obriga a madeira a envergar, ao mesmo tempo em que a madeira se esforça para impedir a corda de esticar-se. Em conjunto, estas tensões opostas são requisitos fundamentais, sem os quais não temos um arco. O arco é isto: divergente que consigo mesmo concorda.

Olhem, agora, para a lira - continuaria Heráclito - e ouçam aquele som que dela emana. É um som harmonioso, porque procede de tensões contrárias. A corda, tensionada, exige esforço por parte do corpo do instrumento, que oferece resistência àquela. Lutando entre si, corda e madeira vão trabalhando para o mesmo fim, isto é, produzir o som, e ainda que não houvesse nenhuma finalidade, as tensões opostas estariam simplesmente brincando entre si, como a criança com seu castelo de areia. Nesse jogo, não importa que uma das forças vença; importa, sim, *a conjunção das tensões opostas*".

Desta forma, a oposição não supõe, como se pode imaginar, a divisão. Ao contrário, ela é sinônima de unificação. Unificação, por seu lado, não significa que os opostos sejam idênticos - e nem podem sê-lo. Unificação é a ação de fazer com que as múltiplas e distintas coisas sejam reconhecidas como participantes da mesma unidade. Neste sentido, a unificação contemplada por Heráclito não sugere a perda da identidade de uma qualidade consigo mesma, por exemplo, mas a manutenção dessa identidade, que é reafirmada no momento de sua conexão com uma qualidade oposta; é no confronto entre os opostos que cada um deles pode ser mais bem caracterizado.

Segundo Heráclito, o mundo está imerso neste conflito unificante. Porém, para a maioria dos homens, o mundo é outra coisa, pois eles o vêem como o reino da desordem. Vamos ouvi-lo novamente, desta vez, censurando a humanidade: "Homens que não sabem ouvir nem falar." Este é o fragmento DK 19, que recebeu um significado muito mais vivo na tradução de Philippe Rousseau: "Como eles não sabem ouvir, eles não sabem falar"⁶. Heráclito teria, assim, vinculado a fala à audição. De fato, parece correto que quem ouve mal ou não ouve, fala mal ou não fala. Quem não sabe ouvir, também não pode saber falar. Mas, ouvir o quê? Falar de quê? O *lógos*. Do *lógos*, diria nosso filósofo. Mas, o que é o *lógos*? Para Heráclito, ele é a **proporção** que gera e mantém em ordem o existir do mundo, ao mesmo tempo em que é o **comum a todos**, aquilo que torna único o pensamento de todos os homens sensatos. Desta maneira, quando ouvimos essa palavra, *lógos*, e sua mensagem, que é comum e a mesma para todos e que nos torna sábios, somos capazes de falar a verdade, isto é, que "tudo é um". A esse respeito, diz-nos Heráclito, no fragmento DK 50: "Não de mim, mas do *lógos* tendo ouvido é sábio homologar: tudo é um." Se, ainda, não conseguimos chegar a essa homologação, a essa concordância, se, ainda, não compreendemos essa unidade do todo, é porque nos desviamos constantemente da percepção do *lógos* em seu incessante arranjo dos contrários. Afinal, o *lógos* se manifesta e é evidente. Somente os homens desatentos e os demasiadamente confiantes na sensorialidade é que o consideram obscuro, confinando-o em uma sepultura escura e hermética. Estes, em vez de perceber a simplicidade do *lógos*, vêem-no como a suprema complicação. A esse respeito, mais uma

² GONÇALVES, Ricardo. *Heráclito: da harmonia não aparente que em natureza ama ocultar-se*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Departamento de Filosofia, USP, 1995, pp. 107-109.

³ DK 52: "Tempo é criança brincando, jogando; de criança o reinado."

⁴ NIETZSCHE, F. *A filosofia na época da tragédia grega, § VII In: Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários*. Trad. José Cavalcante de Souza *et al.*, São Paulo: Abril Cultural, 2 ed., 1978, pp. 107-109.

⁵ Originalmente, o fragmento DK 51 é deste modo enunciado: "Não compreendem como o divergente consigo mesmo concorda; harmonia retornante, como de arco e lira."

⁶ ROUSSEAU, Philippe. *Les vrais termes de l'antithèse (Héraclite, fr. 19, 34, 87 DK)* In: *Revue des Études Grecques*. Paris: Les Belles Lettres, tome LXXXIII, 1970, p. 286.

vez, cito Heráclito, no fragmento DK 1: "Deste *lógos*, sempre existente, os homens se tornam descompassados, quer antes de ouvi-lo, quer tão logo o tenham ouvido; pois, vindo a ser todas (as coisas) segundo esse *lógos*, a inexperientes se assemelham, embora experimentando-se em palavras e ações tais quais eu discorro, segundo (a) natureza distinguindo cada uma e explicando como se comporta. Aos outros homens escapa o que fazem despertos, tal como esquecem o que fazem dormindo". No fragmento DK 2, Heráclito nos diz: "Por isso é preciso seguir o-que-é-com, (isto é, o comum; pois o comum é o-que-é-com). Mas, o *lógos* sendo o-que-é-com, vivem os homens como se tivessem uma inteligência particular".

Observamos, então, que, para estes homens, como já disse, a maioria, o mundo é um significante, cujo significado coincide com o que dele percebem. Ou seja: para tais homens, o mundo é o que a percepção individual diz que ele seja. Segundo estes homens, o mundo é pura projeção subjetiva. Ora, quando o significado atribuído ao significante tem seus pontos de partida e de chegada no sujeito percipiente, estaremos, então, longe do alvo almejado pelo *lógos* comum a todos, do qual nos fala Heráclito. Recordemos o que já se disse há pouco: "Mesmo sendo experimentados em palavras e ações, os homens agem como se fossem inexperientes". O principal problema dos homens é, para Heráclito, não saber interpretar os sinais dados pelo *lógos*. No fragmento DK 93, iremos ouvi-lo dizer: "O senhor, de quem é o oráculo em Delfos, nem diz nem oculta, mas dá sinais (σημαίνει)". Tais sinais são indicativos do verdadeiro, que não se afigura acessível àqueles que não se exercitarem na arte da hermenêutica. Ouvir o *lógos* significa, sem mediações, ser sábio, cujo significado é o mesmo de ter o conhecimento que tudo dirige através de tudo. Isto é o que nos diz o fragmento DK 41.⁷ Esse *lógos* dirigente traz, para o homem, a compreensão de que "tudo é um", sobre o que já falamos. Então, esse *lógos* dirigente nos compele à compreensão, em primeiro lugar, de que o mundo é harmonia, e, em segundo lugar, de que essa harmonia se desdobra em duas etapas. Assim nos diz Heráclito: "Harmonia não aparente é superior à aparente." Este é o fragmento DK 54.

Apenas para recapitularmos, no fragmento DK 51 Heráclito nos fala de um mundo divergente-convergente, que é harmônico. Em seguida, no fragmento DK 54, ele nos alerta acerca da existência de dois tipos de harmonia, uma aparente e outra não aparente. Para tentarmos explicá-las, teremos de recorrer, novamente, aos exemplos do arco e da lira. Nestes instrumentos, deparamos com uma harmonia aparente, uma conexão visível e, de modo geral, apreensível pelos órgãos sensoriais. *Percebemos* a junção, isto é, a *harmonia* entre a corda e a madeira tanto em um quanto em outro destes instrumentos. *Percebemos*, também, pelo tensionamento da corda, como o arco ganha poder propulsor para lançar a flecha. *Percebemos* a conexão, isto é, a *harmonia* entre o arco e a flecha. Porém,

uma outra harmonia somente nos é dada a conhecer pela razão, e não pela percepção. Esta é a junção, a conexão, isto é, a *harmonia não aparente* entre as forças que compõem o instrumento. As forças contrárias atuam umas sobre as outras, tornando o aparelho um complexo que irradia uma energia fulgurante, unicamente pela qual podemos dizer que temos diante de nós um arco. O mesmo deve ser dito com relação à lira. Arco e lira não se explicam por serem instrumentos de caça e de música, respectivamente, mas por serem instrumentos de uma tensão e de uma luta que lhes são imanentes e que *explicam sua essencialidade*. Por isso é que, para Heráclito, a harmonia não aparente, não apreensível sensorialmente, é superior à harmonia aparente, mesmo sendo impossível a uma subsistir sem a outra.

Aqui encontramos o significado verdadeiro deste significante que é o mundo. O mundo não se explica simplesmente por consistir em uma junção das coisas entre si, ou em sua disposição espacial contígua como, por exemplo, um livro sobre a mesa ou um pássaro voando no ar, ou em sua consecução temporal, como no caso do nascer que sucede o gerar, ou do morrer que sucede o viver. Muito mais do que isto, o mundo é esta constante batalha entre os opostos, entre tensões que incessantemente emergem do interior do próprio mundo, que são absolutamente essenciais ao ser e ao existir do mundo, e que se ocultam diante dos olhos que não se deixam guiar pelo pensamento.

• * * * *

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

GONÇALVES, Ricardo. *Do Kháos e do Kósmos: Heráclito e a harmonia na oposição dos contrários*. In: **Integração Ensino⇌Pesquisa⇌Extensão**. São Paulo: Universidade São Judas Tadeu. ano III (10), 1997, pp. 199-201.

⁷ DK 41: "Pois uma só é a (coisa) sábia, possuir o conhecimento que tudo dirige através de tudo."